

UMA LÍNGUA DE RESISTÊNCIA: a raiva como artifício de mudança

Carla Agnes Nunes da Silva¹

RESUMO

Este ensaio trata da raiva enquanto língua de resistência ante às opressões racistas e sexistas. Propõe visões e estratégias de permanência no meio acadêmico e social. Ademais, a reflexão explora a raiva como elemento fundamental para a luta antirracista e como uma potente língua que corrompe os ideais opressores.

Palavras-chave: Raiva; Ódio; Mudança; Racismo; Resistência.

Se o ódio falasse, qual seria a sua língua? A resposta para esta questão ultrapassa o viés linguístico e os atos racistas ainda presentes refletem o comportamento de uma sociedade extremamente seletiva. A língua do racismo, bem como sua forma de expressão, oprime e violenta. O ódio se articula de várias formas, de expressões presentes no nosso vocabulário a crimes que têm nossos corpos como alvos. Com frequência nos depararmos com expressões que evidenciam esse caráter: “ovelha negra”, “mercado negro”, “inveja branca”, “magia negra”. Como ressignificação trazemos à tona outra linguagem: a da raiva. Nela positivados o “antirracismo”, a “minha negritude” e o “feminismo negro”.

Em “*Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo*”, a raiva descrita por Audre Lorde (2019 [1984]) é o combustível de combate e sobrevivência, pois trata-se de uma resposta às ações destrutivas do ódio articulado pelo racismo. A oposição construída por Lorde (2019 [1984]), entre raiva e ódio, elucida contextos da violência contra pessoas negras no Brasil.

As bases estatísticas têm se mantido sem redução no número de homicídios das pessoas de pele preta ou parda². O mesmo cenário persiste para casos de feminicídio, visto que mulheres negras compõem a maior porcentagem de mortes em relação às mulheres brancas³. Para além de casos fatais, há também todo o processo de exclusão, estereótipos, hipersexualização e escassas oportunidades. Ainda assim, permanece o discurso

¹ Departamento de Letras, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luís, km 235, 13565-905, São Carlos, São Paulo, Brasil. Email: carla.nunes@estudante.ufscar.br

² Cf. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros-series> (último acesso em: 10/12/2020)

³ Cf. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/128> e <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/126> (último acesso em: 03/03/2021).

meritocrático, que, ao defender a existência de oportunidades iguais, evidencia os privilégios de uma elite.

Vivemos em um contexto em que jovens negros e negras são reféns dessa sociedade escravocrata atual, que ainda é senzala no sentido de nos torturar psicologicamente e nos inferiorizar como seus sobreviventes. É importante entender que a raiva não nos faz ocupar o mesmo lugar de ódio de nosso agressor, ela não é desumanizadora ou julgadora. Ela é potente para definirmos todos os dias as nossas escolhas e objetivos, pois, a mudança requer emergência.

A raiva age contra a opressão e serve também como um escudo para o medo (a agressividade do ódio articulado pelo racismo tem, na maioria das vezes, o medo como resposta) permitindo força, libertação e empoderamento. A língua da raiva se faz presente na luta antirracista há tempos, desde o quilombo dos Palmares, é a língua de Zumbi e de Dandara. Dandara assumiu a posição de uma das maiores heroínas da nossa história, participou assiduamente da defesa aos negros e ao quilombo, ainda assim sua participação foi ocultada da história de Palmares, o que evidencia a voracidade de uma sociedade ainda sexista.⁴

Dandara foi a mulher que, ao lado de seu companheiro, Zumbi, contribuiu e reuniu cerca de vinte mil habitantes e vinte mil histórias foram de encontro à sociedade escravocrata da época, encorajados pela raiva e pelo desejo de transformação. A raiva presente nessa mulher e no quilombo agiu contra o ódio dos senhores de engenho e contra as chibatadas que agrediam seus corpos e suas mentes, além de servir como força àqueles que almejavam a liberdade.

A posição de mulher heroína é recorrente e comum: há tempos que a sobrecarga enfrentada pela mulher negra é na verdade consequência de um sistema desigual. A romantização da “mulher guerreira” que enfrenta em média quarenta horas semanais de trabalho, conciliadas a seus estudos e às tarefas do lar, amplia inadequadamente suas responsabilidades, sua autocobrança, além de impossibilitar a demonstração de cansaço ou fraqueza. Mulheres brancas também enfrentam essa problemática, mas em nosso caso, a exaustão se intensifica com a ausência de mulheres negras em cargos de poder — o que divide posicionamentos de estímulo ou desmotivação.

⁴ Assunto discorrido no artigo “A literatura e a representação feminina em Dandara, A heroína negra de Palmares”, de Karla Cristina Eiterer Rocha e Enilce do Carmo Albergaria Rocha (2019).

Em outros casos, há mulheres que identificam esse sistema e rompem com essa idealização e, assim como Dandara, fazem de si referência para revolução pessoal e daquelas que alcançam. É possível tatear esse contexto em *Mulheres Quilombolas: Protagonismo, identidade, território das mulheres negras em São Miguel do Guamá/Pará*, dossiê que reúne histórias de resistência e as funções desempenhadas pela mulher no território quilombola. Questões de gênero, condição social e a cor da pele são fatores de hierarquização social, mas não àquelas que buscam artificios de mudança. As mulheres do quilombo de Santa Rita de Barreira tratam o seu espaço como ponto de força e coletividade. São mulheres contemporâneas que, assim como Dandara, asseguram a subsistência do seu grupo (GUEDES e SALGADO, 2020). A raiva é o elemento protagonista da mobilização em nosso meio. Lutamos para que estejamos presentes em todos os espaços construindo a nossa história.

Para isso, é necessário entender que, o termo “mulher”, assim, de forma singularizada, não abrange todas as mulheres pertencentes a essa categoria, pois, pontos de vista, necessidades, lutas e causas são vistas de formas diferentes até entre as próprias mulheres. O machismo e outras formas de opressão, como a desigualdade salarial, a misoginia, a desigualdade social, sofridas por mulheres, são enfrentadas numa carga ainda maior por mulheres negras. Resistir e viver nesse contexto implica em desafios constantes. Esse cenário é consequência do racismo estrutural⁵, problemática enfrentada por todos nós da comunidade negra. Lidar e combater essa realidade exige muita informação, força, determinação e energia porque, afinal, essa é a composição da raiva, e isso permite combater o ódio que nos é direcionado.

Estratégias de combate e acolhimento quando pensadas em conjunto resultam numa leva de soluções que podem ser aprendidas e aperfeiçoadas para outras mulheres, ou seja, trata-se de uma luta constante. Enquanto mulheres negras diante de contextos de exclusão e baixas oportunidades, esperamos do feminismo antirracista o incômodo e rejeição a essas práticas. É preciso mudar estatísticas e não ser tolerante diante dessas ocasiões, assim se manter ativa a luta contra o racismo.

Reconheço-me como mulher preta e futura docente, com a obrigação e o compromisso de não aceitar menos que a igualdade. Essa convicção foi construída a partir dos poucos professores negros que tive ao longo dos meus doze anos de ensino básico. As quatro

⁵ Segundo Silvio de Almeida, em *O que é racismo estrutural?* (2018), o racismo transcende o âmbito individual, o que torna o seu alcance institucional definindo desvantagens e privilégios com base na raça. Para a reversão desse quadro é necessária uma manutenção de ordem social e a adoção de políticas internas que visem promover a igualdade e a diversidade, remover os obstáculos para a ascensão da minoria, debater e revisar práticas institucionais e promover o acolhimento e possível composição de conflitos raciais e de gênero. Portanto, a representação de pessoas negras e outras minorias em espaços de poder é fundamental para a luta antirracista.

referências que tive cultivaram parte do que sou e me encorajaram a acreditar em mim mesma. Apontaram também que a jornada não seria fácil, mas que ela seria tão enriquecedora quanto o resultado. O número baixo de docentes negros no ensino básico é ainda mais restrito nas universidades do país, em que não tive nenhum docente que representasse nossa comunidade dentro do espaço acadêmico.

Em minha trajetória, a percepção da raiva que Lorde (2019 [1984]) descreve veio junto ao ingresso na academia. Enquanto cotista ingressante em uma universidade federal, o âmbito universitário me permitiu — e permite — a aproximação com diversos relatos acerca da luta antirracista e antissexista. A Universidade foi divisora de águas para que eu entendesse a importância de expressar linguagens de resistência, de compreender a luta antirracista enquanto um aprendizado e de partilhar de vivências como uma fonte potente e fortalecedora. O ambiente universitário nos mune de informações que instigam a consciência do racismo como uma questão social a ser combatida. Estes relatos evidenciam o quanto incomodamos quando temos acesso à informações que nos munem. Isso se dá pelo processo de abertura para o lugar de fala, visto que a academia possibilita partilhar vivências e destacar as especificidades de um grupo. Ainda assim, é também um espaço em que nem todos querem nos ouvir, mas isso nunca será motivo para renunciarmos o nosso desejo de igualdade.

Nossa luta é emergente e deve ser pensada em vários aspectos, a academia não é uma exceção, seja em palestras, em mesas redondas, na escolha das bibliografias ou em conversas informais. Debater sobre a luta antirracista, anti-homofóbica, anti-machista, entre outras, não deve ser um ato apenas vinculado a crimes que nos atingem. É necessária uma reflexão constante dessas questões para não restringir esses assuntos aos noticiários que tratam crimes contra nós sempre como “mais um caso”. Audre Lorde aponta que, se mulheres acadêmicas realmente querem falar sobre o racismo, é necessário que os contextos de vida de outras mulheres sejam reconhecidos.

Ocupar todos os lugares não é uma tarefa fácil, visto que ainda somos minoria em termos de representatividade. O ideal é se agarrar e se inspirar em pessoas que escapam à curva estatística, sendo elas pessoas públicas ou próximas, ouvir as palavras das que vieram antes de nós. Em cada projeto é preciso nos engajar com outras mulheres. Neste ensaio me inspiram figuras históricas, como Dandara; figuras próximas, como as organizadoras deste dossiê; também pessoas que me nutrem no campo pessoal, como minhas ancestrais e minha mãe. A escrita se faz com o apoio de mulheres negras, pesquisadoras que se tornam referências e que contribuem com críticas, visão e leitura. Nos conselhos ancestrais de minha mãe — mulher negra, iletrada, nascida no interior de Minas Gerais — sempre é mencionada a

dificuldade enfrentada quando recém chegada na cidade de São Paulo: “se você está cansada, aprenda a descansar e não a desistir”. No caso de uma universidade não é diferente, é preciso uma dose diária de persistência para ocupar e resistir em espaços como esse. Não há como não sentir raiva ao perceber que ainda somos minoria e o quanto somos subestimadas, todavia, essa raiva deve ser encarada de uma forma construtiva e ser vista como uma forma de resistência e não de recuo.

O racismo estrutural evidencia que o preconceito se tornou intrínseco à sociedade: o processo de desconstrução é longo. O racismo se articula em qualquer categoria: magro ou gordo, rico ou pobre, alto ou baixo, homem ou mulher. Isso intensifica a importância do feminismo, sobretudo, o feminismo negro. A luta pelo fim da hipersexualização, do ódio, das opressões, das desigualdades e das intolerâncias raciais é diária. Ser mulher, e ser mulher negra, acarreta não menos que o desejo de liberdade e igualdade. A luta das mulheres é pioneira e continua a nos inspirar.

A nossa raiva é um artifício de mudança e através dela é possível resistir. Por isso, mulheres, tomem o feminismo antirracista como um escudo contra a língua do ódio. Entenda que o nosso contexto não é o mesmo de 132 anos, não é o mesmo de Dandara, mas continuamos a lutar por nossa liberdade e estamos conquistando a possibilidade de não sermos silenciadas. Nós, mulheres negras, devemos adotar a postura de protagonistas em nossa própria história. A nossa raiva é escudo e resistência, que possamos fazê-la um instrumento de vitórias.

REFERÊNCIAS

DE ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

GUEDES, Ana Célia Barbosa. SALGADO, Mayany Soares. **Mulheres Quilombolas: protagonismo, identidade, território e territorialidade das mulheres negras em São Miguel do Guamá/Pará.** REHR | Dourados, MS | v. 14 | n. 28 | p. 328-354 | Jul. / Dez. 2020.

LORDE, Audre. **Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo.** In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*. 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2019 [1984]. cap. 12, p. 155 - 167.

ROCHA, Karla Cristina Eiterer. ROCHA, Enilce do Carmo Albergaria. **A literatura e a representação feminina em Dandara, A heroína negra de Palmares.** IPOTESI, JUIZ DE FORA, v.23, n.1, p. 43-54, jan./jun. 2019.